

Aula 7

A ABORDAGEM GEOGRÁFICA DA CULTURA

META

Mostrar aos estudantes de geografia que a cultura pode e deve ser abordada na geografia.

OBJETIVOS

Entender como podemos abordar a cultura em nossos estudos;
Compreender como a cultura é transmitida em nossa sociedade;
Conhecer algumas abordagens da geografia sobre a literatura e a música.

Christian Jean-Marie Boudou

INTRODUÇÃO

Bem vindo, prezado(a) aluno(a) a esta aula! Acreditamos que a Geografia Cultural constitui-se como uma das abordagens mais fascinantes da geografia. Veremos nesta disciplina que a cultura já é abordada em várias áreas do conhecimento. Na geografia, as abordagens culturais sofreram evoluções e influência de outras ciências, como veremos nesta disciplina.



A CULTURA NA GEOGRAFIA

Precisamos, desde o início, analisar como deve ser a abordagem cultural na ciência geográfica. A geografia cultural se insere no ramo da geografia humana, que estuda principalmente a maneira como o homem se relaciona com o espaço geográfico. Considerando que o geógrafo não pode dissociar no seu olhar a sociedade do espaço que estas transformam, na abordagem cultural da geografia, o geógrafo deverá ater-se as formas como estas sociedades transformam e habitam os espaços geográficos.

Paul Claval (2007, p. 11) propõe alguns questionamentos pertinentes para demonstrar como o peso da cultura é decisivo em todos os domínios:

como os homens percebem e concebem seu ambiente, a sociedade e o mundo? Por que os valorizam mais ou menos e atribuem aos lugares significações? Que técnicas os grupos adotam, no sentido de dominar e tornar produtivo ou agradável o meio onde vivem? Como imaginaram, atualizaram, transmitiram ou difundiram o seu know-how? Quais são os elos que estruturam os conjuntos sociais e como são legitimados? De que maneira os mitos, as religiões e as ideologias contribuem para dar um sentido à vida e ao contexto onde ela se realiza?

É preciso neste momento compreender os aspectos diferentes da cultura. O geógrafo Paul Claval (2007) nos mostra alguns deles. Em nossas abordagens geográficas devemos considerar a cultura como sendo a mediação entre os homens e a natureza. O meio em que o homem vive é completamente artificial e sofre constantes alterações para nele poder se habitar, circular, produzir alimentos, entre outros. A cultura é assim constituída de instrumentos, técnicas, conhecimentos e de saberes dos homens, que servem de mediação entre estes e o meio.

Consideramos também a cultura como sendo uma herança que é transmitida de uma geração para outra. A transmissão dos saberes é feita graças à comunicação em suas diversas formas: oral, gestual, constituída pela escrita ou por desenhos, assim como feita pelos diferentes tipos de mídias. Gestos, ritos, know-how, valores, teorias e religião são transmitidas desde a nossa infância.

A cultura carrega-se de uma dimensão simbólica, pois é constituída de signos que são criados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Quando certos rituais são compartilhados por uma comunidade, temos a transformação do espaço em território.

A maneira como cada indivíduo absorve a cultura no seio de uma sociedade é absolutamente individual. Como não recebemos a mesma bagagem cultural e não a absorvemos da mesma maneira, ela torna-se assim um fator essencial de diferenciação social. Temos assim nas sociedades modelos que são aceitos pela maioria dos indivíduos (chamado dominante) e que são ao mesmo tempo contrabalanceados por contraculturas e movimentos de revolta.

O objeto de estudo da Geografia Cultural é a paisagem que contém as marcas de uma cultura e serve-lhe de matriz. Podemos observar na paisagem as marcas deixadas pelos homens em sua constante adaptação ao meio. Interpretar a paisagem é uma tarefa do geógrafo, pois ela fala dos homens que a modelam na atualidade, assim como daqueles que os antecederam. Podemos compreender a evolução de uma sociedade pela simples interpretação das marcas deixadas na paisagem pelos homens.

A TRANSMISSÃO DA CULTURA

A psicologia cultural mostrou em seus estudos, a partir da década de 1960, que a cultura é por nós assimilada como uma herança que nossos pais nos transmitem desde a nossa infância. É pela família que recebemos traços culturais de nossos antepassados. Em seguida, com o nosso crescimento e através da ampliação de nossas relações com outros membros da sociedade, recebemos outros componentes da cultura da sociedade a qual pertencemos. Segundo Lacan (1987, p.97):

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio são com ela disputadas por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente chamada de materna. Com isso, ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico.

A família tem um papel importantíssimo na nossa infância, pois ela é “responsável pelo modelo que a criança terá em termos de conduta, no desempenho de seus papéis sociais e das normas e valores que controlam tais papéis” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1995).

No período de nossa infância, precisamos da proteção e da educação dos nossos pais para sobrevivermos. É nesta fase de nossa vida que todos os sentidos afloram para podermos descobrir e explorar o meio em que vivemos.

Através da visão, por exemplo, podemos nos deslocar reconhecendo os objetos e as pessoas que nos cercam. A audição, o olfato, o tato e o paladar também nos permitem conhecer o meio em que vivemos e diferenciar as coisas segundo nossas preferências.

Nossas mães nos ensinam desde cedo os hábitos diários de higiene, como devemos nos vestir segundo as condições do tempo, quais e qual quantidade de alimento devemos ingerir, assim como outros hábitos que às vezes carregamos pelo resto de nossas vidas.

Alguns traços culturais recebidos na infância carregamos eternamente, como por exemplo, a nossa alimentação. Quem não se lembra do gosto e dos odores dos alimentos que nossos pais ou avós preparavam na nossa infância?

Com o despertar de nossos sentidos, começamos a imitar vários gestos de nossos familiares. Através dos gestos repetidos, podemos pegar, soltar e quebrar coisas, assim como andar, correr e exercer outras expressões corporais.

As nossas ações e os objetos que nos cercam possuem uma denominação. Aprendemos na nossa infância as palavras que designam o que esta

ao nosso redor. A língua que aprendemos de nossos pais fica gravada em nossa memória para o resto de nossas vidas.

A nossa língua materna constitui um traço cultural permanente em nossas vidas. Podemos aprender outros idiomas com o passar do tempo, mas dificilmente esquecermo-nos da nossa língua materna. É comum, quando aprendemos outra língua, quando comemos outros alimentos ou usamos roupas diferentes das da nossa infância, apresentarmos certas características que revelam nossas origens, como um sotaque, por exemplo.

Ainda na nossa infância, na nossa família, aprendemos sobre a hierarquia social. Na realidade, a família é como se fosse uma “mini-sociedade”, onde temos no topo os nossos pais dominando sobre seus descendentes. Nela não podemos fazer o que queremos, é preciso respeitar a ordem estabelecida pela hierarquia. As nossas primeiras noções de como viver na sociedade vêm da nossa família.

Na nossa adolescência, ainda com a família, aprendemos sobre os comportamentos sociais que devemos adotar em nossas vidas. É também nesta fase de nossas vidas que recebemos instruções sobre a religião e as ideologias de nossos pais. Num primeiro momento adotamos esses valores, para talvez posteriormente questioná-los.

Ainda na adolescência nos são transmitidas as receitas e as técnicas que asseguram a sobrevivência do grupo em que vivemos. Até o período da Revolução Industrial, esses conhecimentos eram transmitidos de pai para filho. Após este período, a intervenção de mestres externos à família tornou-se necessário.

É nas instituições escolares que aprendemos, principalmente através da escrita, como manter as técnicas que permitem à sobrevivência dos membros da nossa sociedade. Problemas surgem nos locais onde o acesso às escolas é reservado apenas a uma elite.

LITERATURA, MÚSICA E ESPAÇO : COMO ABORDÁ-LOS NA GEOGRAFIA?

Devemos neste momento nos questionarmos sobre como os geógrafos podem abordar as temáticas da literatura e da música sob um ponto de vista geográfico, calcado numa abordagem cultural. Acreditamos que podemos abordar estes temas na geografia interpretando aquilo que os poetas, romancistas e músicos elaboraram a respeito da espacialidade humana, assim como os processos espaciais referentes às configurações espaciais : o movimento, a paisagem o território e o lugar.

Enquanto geógrafos, devemos ver a literatura e a música com um olhar distinto daqueles oriundos dos críticos e pesquisadores nas áreas de letras, música e outras ciências sociais. A primeira distinção pode ser feita na seleção das obras a serem estudadas. Somente as obras onde o espaço e

o tempo constituem parte integrante da trama (e não apenas meros pano de fundo), sem os quais esta trama não poderia ser construída.

Seguindo este raciocínio, no caso brasileiro temos algumas obras que podem constituir-se em objetos de análise geográfica, como as obras de José Lins do Rego no início do século XX sobre a dinâmica da Zona da Mata nordestina.

Uma das melhores obras sobre as abordagens geográficas da literatura foi elaborada pelo geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002). Intitulado *O mapa e a trama : ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*, este livro mostra diversos exemplos de obras que podem constituir-se em objetos de análise para os geógrafos brasileiros.

Devemos reconhecer que os estudos geográficos abordando a literatura são quantitativamente superiores aos estudos que abordam a música na geografia cultural. Entre os geógrafos que se destacaram na abordagem geográfica da música, destacam-se G. O. Carney e L. Kong. Veremos suas principais contribuições.

Segundo Carney (2003, apud CORREA R. L. e ROSENDAHL, Z., 2007, p.9), os estudos geográficos sobre música distinguem-se entre si por privilegiarem um dos seguintes aspectos:

- a “delimitação de regiões musicais e a interpretação de músicas regionais”. Onde teríamos como exemplo a country music no sul dos Estados Unidos, o reggae na Jamaica e o forró no nordeste do Brasil;
- a análise da evolução de um estilo musical associado a um lugar específico, como se exemplifica com a música clássica em Viena, a country music em Nashville;
- a origem e a difusão espacial de um gênero musical, a exemplo do blues no sul dos Estados Unidos para Chicago ou do jazz dos Estados Unidos para a Rússia, por via de diversos agentes sociais e meios de comunicação;
- a análise dos elementos psicológicos e simbólicos da música como modeladores do sentido de lugar (sens of place);
- o impacto da música sobre a paisagem cultural: por exemplo, os espaços construídos para festivais;
- a organização espacial das atividades associadas à produção e à circulação da música, incluindo os espaços de atuação das grandes empresas;
- as relações entre música e os sentimentos “nacionalistas” e “antinacionalistas”;
- as relações com outros aspectos culturais, como a religião, os dialetos, a dieta alimentar etc.

A geógrafa Lily Kong propôs (2005, apud CORREA R. L. e ROSENDAHL, Z., 2007, p.10) além de uma classificação da produção geográfica a respeito da música, uma agenda de pesquisa composta por cinco eixos diferentes, a saber:

- a análise dos significados simbólicos;
- a música como comunicação social;
- a política cultural da música;
- a música na perspectiva econômica;
- a música na construção social da identidade.

Em relação aos estudos geográficos sobre literatura, destacamos a grande contribuição do geógrafo canadense Marc Brosseau. Seus trabalhos servem de base para geógrafos abordando o tema no mundo todo. Sua obra principal neste domínio é sem dúvida o livro que ele publicou em 1996, intitulado *Des romans-géographes* (Romances-geográficos). Nesta obra, o geógrafo mostra a evolução dos trabalhos que abordaram os textos literários numa perspectiva geográfica na geografia anglo-saxã e francesa, além de ilustrar como devemos interpretar as obras literárias enquanto geógrafos.

Ao analisar o histórico das abordagens geográficas das obras literárias, Marc Brosseau destaca as cinco vias trilhadas nesse domínio, quais sejam:

- como complemento à geografia regional;
- como transcrição de experiência dos lugares;
- como crítica da realidade ou da ideologia dominante;
- como história paralela;
- como parte da alteridade, o modo como o romancista capta a paisagem, o lugar e o espaço.

Uma vez mostradas as abordagens pioneiras, Brosseau inova, propondo uma mudança na maneira como os geógrafos devem abordar os textos literários. Para o autor, essas obras não mais devem ser consideradas como meros objetos, e sim como sujeitos com os quais os geógrafos devem dialogar.

Recomendamos fortemente aos que se interessam pela temática geografia e literatura, a leitura dos dois primeiros capítulos de Marc Brosseau, traduzidos para o português e publicado no livro organizado por Roberto Lobato Correa e Zeny Rosendahl: *Literatura, música e espaço*. Este livro compõe a coleção *Geografia cultural*, publicado pela editora da UERJ e coordenados pelo NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura).

GEOGRAFIA E MÚSICA

Acreditamos que a música constitui um excelente campo de estudo para podermos compreender como uma sociedade se relaciona com seu espaço vivido, seus valores, suas crenças, etc. Praticamente em todas as sociedades encontramos a música, que se difunde cada vez mais com maior facilidade.

A música está no dia a dia dos homens e, através de sua letra, podemos conhecer a identidade dos lugares. Existem músicas que descrevem o espaço vivido do presente e do passado, as quais podemos fazer uma abordagem geográfica desta espacialidade.

Através da música, conseguimos por exemplo imaginar um espaço que não conhecemos, assim como imaginar como as pessoas vivem ou viviam nele. Podemos imaginar o sertão através das músicas de Luis Gonzaga e visualizar todo o sofrimento dos que ali vivem.

A música serve de comunicação onde os homens podem expressar seus sentimentos pessoais ou coletivos em relação ao espaço em que vivem.

Uma abordagem geográfica bastante interessante da música é aquela oriunda de músicas populares. Através da investigação de músicas populares, podemos aprofundar nossos conhecimentos sobre a cultura e a sociedade de um determinado espaço geográfico, quando abordamos os espaços onde elas se originaram ou os espaços por ela descritos ou vividos no enredo.

A geógrafa Lily Kong, da Universidade Nacional de Singapura, destacou-se entre os geógrafos que abordaram a música popular em seus estudos. Em seu artigo “Música popular nas análises geográficas” (1995, apud CORREA e ROSENDAHL, 2009, p.130), após fazer uma análise crítica das primeiras abordagens, esta geógrafa propôs caminhos para uma análise geográfica da música popular, que veremos a seguir.

A primeira sugestão da geógrafa é que seja feita uma análise dos significados simbólicos. Argumenta ela que a geografia cultural tradicional abordava apenas os aspectos materiais da cultura, negligenciando assim os significados e os valores simbólicos. Para seguir esta primeira sugestão, devemos focar sobre os simbolismos presentes nas letras, assim como sobre o papel simbólico da música na vida social. A autora serve-se do exemplo das letras das músicas country, que nos transmitem a nostalgia de um paraíso, simbolizada pelo desejo de um modo de vida simples, recordando-se de um lugar e de um tempo sem preocupações.

A música popular Luar do sertão (1914), de autoria de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco, bastante conhecida na interpretação de Luis Gonzaga e Milton Nascimento, constitui um grande exemplo brasileiro, pelo simbolismo presente em sua letra. Vejamos como os autores nos retratam seu espaço vivido e suas saudades:

Ai que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando
Folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão clarinho
Não tem aquela felicidade
Do luar lá do roça

Não há, oh gente, oh não
Luar como este do sertão
Não há, oh gente, oh não
Luar como este do sertão

Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata
Prateando a solidão
A gente pega na viola que ponteia
E a canção é a lua cheia
A nos nascer no coração

Coisa mais bela neste mundo não existe
Do que ouvir-se um galo triste
No sertão, se faz luar
Parece até que a alma da lua é que descanta
Escondida na garganta
Desse galo a soluçar

Ai, quem me dera que eu morresse lá na serra
Abraçado à minha terra
E dormindo de uma vez
Ser enterrado numa grota pequenina
Onde à tarde a sururina
Chora a sua viuvez

A segunda sugestão de Kong seria de abordarmos a música como comunicação cultural. Devemos enquanto geógrafos ver a música como diálogos sociais. Neste sentido, a música é considerada como sendo um meio de comunicação que reflete o contexto sociocultural no qual ela esta inserida.

Tomemos como exemplo a música interpretada por Bezerra da Silva: “Eu sou favela”. Vejam na sua letra como são expostos os contextos socioculturais das favelas do Rio de Janeiro:

“ Em defesa de todas as favelas do meu Brasil,
aqui fala o seu embaixador”

A favela, nunca foi reduto de marginal
A favela, nunca foi reduto de marginal

Ela só tem gente humilde Marginalizada
e essa verdade não sai no jornal

A favela é, um problema social
A favela é, um problema social

Sim mas eu sou favela
Posso falar de cadeira
Minha gente é trabalhadeira
Nunca teve assistência social
Ela só vive lá
Porque para o pobre, não tem outro jeito
Apenas só tem o direito
A um salário de fome e uma vida normal.

A favela é, um problema social
A favela é, um problema social.

A terceira proposta de Kong versa sobre a política cultural da música. Neste sentido, devemos focar nossa atenção nos produtores de música, ou seja, como eles agem num contexto político-econômico-social com intenções particulares. Quais sejam as intenções dos produtores, ideológicas, de resistência ou protesto, ou até mesmo aumentar os lucros, todas podem ser passivas de análises na geografia.

Podemos assim fazer uma análise do uso ideológico que se pode fazer da música. Vejamos a letra da música Pra dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré:

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(2x)

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(2x)

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição:
De morrer pela pátria
E viver sem razão...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(2x)

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não...

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição...

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer...(4x)

Esta música, com caráter ideológico de resistência, chegou a ser proibida no Brasil durante a ditadura militar. A melodia possui um ritmo parecido com um hino e incentivou brasileiros a cantarem nas ruas como protesto contra os militares.

Podemos através de interpretação desta letra, questionarmos sobre o contexto social e político do Brasil no momento em que ela foi criada e aceita pelo público brasileiro. Varias interpretações são possíveis, assim como as abordagens que podemos dela fazer. Pode-se fazer uso atualmente das músicas oriundas das periferias das cidades, como certos funks que reivindicam direitos de cidadania das massas desfavorecidas da sociedade.

O quarto direcionamento proposto por Kong visa a análise da economia musical. Neste sentido, a indústria musical pode ser examinada em inúmeras direções. Podemos analisar as motivações econômicas subjacentes à produção musical, como por exemplo a criação de empregos, o surgimento de receita de exportação, a propaganda que atrai investimentos...

A empresa japonesa Sony, por exemplo, investe maciçamente na indústria musical e cinematográfica, com o objetivo de garantir um vasto mercado consumidor de suas tecnologias.

Por último, Kong propõe a análise da música e da construção social de identidades. A autora afirma que a música, como uma forma de comunicação cultural, é um meio pelo qual identidades podem ser construídas e/ou destruídas, sejam elas nacionais, de gênero, étnicas, religiosas e outras quaisquer. A análise do papel da música na (des)construção de identidades interessa fortemente aos geógrafos culturais.

O ritmo do forró e suas letras é um bom exemplo de uma identidade compartilhada dos nordestinos no Brasil. Embora haja algumas diferenças dentro da região nordeste, podemos afirmar que este gênero musical expressa uma identidade regional: a nordestina.

CONCLUSÃO

Conforme vimos nesta aula, a cultura constitui um tema que pode e deve ser abordado na nossa ciência. No Brasil, as abordagens da nossa ciência sobre a literatura e a música vem aumentando nos últimos anos, prova de que esta parte da geografia tem dado certo e que ela deva evoluir. Aqui no nosso estado temos um número de possibilidades de novas abordagens enorme, muito ainda pode ser feito. Fazemos aqui um apelo aos futuros geógrafos para que eles possam estudar essa temática e, porque não, desenvolver pesquisa nesta área. Só assim iremos ajudar a nossa ciência a evoluir.



RESUMO

A geografia cultural renovada, ou “nova geografia” apresenta uma vasta gama de temas a serem abordados pelos geógrafos. Temas como música e literatura, que antes só interessavam aos críticos literários e musicais, aos antropólogos, sociólogos e historiadores, estão sendo explorados por geógrafos no mundo todo. A religião, a alimentação, a toponímia, entre outros, também são estudados pelo viés da geografia cultural. É preciso estar atento as novas publicações para que possamos difundir essa nova discussão na geografia sergipana.



ATIVIDADES

Procure uma obra literária ou uma música que possa ser abordada na nossa ciência e justifique porque ela pode ser abordada na geografia.



AUTOAVALIAÇÃO

Procure verificar se você é capaz de explicar como podemos abordar a cultura na geografia



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula estudaremos o espaço litorâneo.

REFERÊNCIAS

- BROSSEAU, Marc. **Des romans-géographes**. Paris, L'Harmattan, 1996.
- CARNEY, George. **Musica e lugar**. Literatura, musica e espaço. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2007, p. 123-150.
- CASTRO, Daniel de. “ Geografia e musica: a dupla face de uma relação”. in Revista Espaço e Cultura, n. 26, p. 7-18. Rio de Janeiro, UERJ, 2009.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.
- CLAVAL, Paul. **As abordagens da geografia cultural**. CASTRO, Iná; GOMES, Paulo César; CORREA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P. 89-117.
- CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- KONG, Lily. **Musica popular nas análises geográficas**. Cinema, musica e espaço. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2009, p. 129-175.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis, EDUFSC, 2002.